



## A Longa Volta do Jovem Meade

JOSEPH P. BLANK

“Seus ferimentos eram tão cruéis”, relembra o seu médico, “que a vida se tornou insuportável.” Então, lentamente, um milagre começou a acontecer

“**V**OCÊ DEVIA IR para casa”, disse o neurocirurgião a Kathy Meade. “Não há razão para continuar a viver aqui no hospital. Se seu marido, algum dia, acordar de sua coma—e não há nenhum sinal de que isso venha a acontecer—duvido que êle jamais possa funcionar como um ser humano.”

O franco prognóstico do médico aturdiu a jovem Kathy, grávida de quatro meses. Confusa, ela voltou à sala de tratamento intensivo do hospital, onde seu marido, Jim, de 20 anos, estava morrendo. Uma fôrma cobria-lhe todo o tronco e a perna esquerda, horrivelmente fraturada e profundamente infeccionada. O tor-



nozelo direito quebrado estava en-  
gessado. Um dos lados da cabeça es-  
tava afundado por perda óssea e  
apresentava dois buracos de broca  
onde os cirurgiões do Exército ame-  
ricano no Vietname do Sul tinham  
perfurado para pesquisar. Seu pêso  
tinha caído de 66 quilos para 36.

Para Kathy era impossível que  
aquela figura patética fôsse Jim, o  
seu marido. Apenas 16 semanas an-  
tes êle estava em perfeita saúde e  
ansioso por chegar ao Vietname. Fi-  
lho de um sargento, êle se alistara  
depois de um ano de universidade,  
onde tinha sido aluno brilhante e  
presidente da sociedade de honra  
dos calouros.

“Não posso continuar estudando  
enquanto homens estão morrendo lá  
fora”, dizia êle a Kathy em suas fre-  
qüentes conversas sôbre a guerra.  
“Tenho de fazer alguma coisa para  
salvar vidas, e a melhor maneira é  
eu me tornar pilôto de helicóptero.”

Jim e Kathy casaram-se pouco an-  
tes de sua ida para o Vietname, onde  
êle imediatamente entrou em com-  
bate. Voava de dia e de noite, e em  
menos de quatro meses foi atingido  
três vêzes. No terceiro acidente dei-  
xou o aparelho em queda deslizar  
por cima das árvores num ângulo tal  
que o expunha ao maior risco e ao  
mínimo os três homens da sua tripu-  
lação. No impacto, as pás do motor,  
quebradas mas ainda girando, reben-  
taram contra a cabina, despedaçá-  
ram-lhe o capacete e arrancaram-lhe  
um pedaço do crânio, atingindo-lhe  
o cérebro. Êle foi o único ferido.

**O Animal Capturado.** Quinze  
dias depois do acidente Jim foi trans-  
portado para o Hospital Geral Ma-  
digan, em Tacoma, Washington, on-  
de uma equipe médica chefiada pelo  
Major George Palmer (nome fictí-  
cio) rapidamente começou a traba-  
lhar. Consertaram-lhe o corpo estra-  
çalhado, alimentaram-no por via in-  
travenosa, equilibraram-lhe a quími-  
ca do sangue, mas não puderam fa-  
zer nada em relação à lesão do cére-  
bro que causara essa estranha coma.  
Depois de alguns dias êle abriu os  
olhos, mas sem ver e sem qualquer  
expressão. Freneticamente agitado,  
tinha de ser amarrado à cama com  
toalhas. Ruídos animais incompreen-  
síveis saíam-lhe da garganta.

Kathy e a mãe de Jim passavam  
o dia inteiro à cabeceira dêle tentan-  
do penetrar através da coma, ofere-  
cendo-lhe tôdas as expressões possí-  
veis de amor. De tempos em tempos  
elas desamarravam-lhe os braços. E  
tôda vez êle tentava jogar-se para  
fora da cama, mordendo, grunhin-  
do, rosnando. Incapaz de se expres-  
sar como um ser humano, êle se com-  
portava como um animal capturado.

O Major Palmer não podia dar  
nenhuma esperança.

—Nós o estávamos perdendo—re-  
lembra—e eu tinha a impressão de  
que êle queria morrer. Fôra ferido  
tão cruelmente que a vida se lhe tor-  
nara insuportável.

A mãe de Jim, que era enfermei-  
ra, também reconhecia que seu fi-  
lho estava sucumbindo.

—O senhor e eu sabemos que êle



está morrendo—disse ela ao Major Palmer.—O senhor não pode tentar mais alguma coisa?

O major concluíra que Jim se mantinha vivo graças à atenção amorosa de sua mãe e de sua espôsa, e que o que poderia ajudar a suspender a coma seria um acréscimo de cuidados e interêsse dos outros. A solução talvez estivesse na Enfermaria 13, a seção de ortopedia do hospital, que abrigava alguns dos homens mais seriamente inutilizados pela guerra do Vietname.

“A Enfermaria 13 tinha um ótimo espírito”, explicou mais tarde o Major Palmer. “Os homens de lá, tendo lutado contra a depressão e o escapismo emocional, eram mais capazes de ajudar Jim do que todos os médicos e enfermeiras do hospital. A Enfermaria 13 era sua única possibilidade, embora remota.”

“Ajude-nos”. A Tenente Carole Burke, enfermeira-chefe da divisão, disse aos seus ocupantes apenas que seria admitido um jovem piloto de helicóptero com um ferimento na cabeça e que êle não podia falar nem reagir. Não lhes pediu coisa alguma. Sabia que êles tinham um grande respeito por êsses pilotos; de fato, cada um dêles tinha sido levado do campo de batalha para o hospital por um helicóptero do Exército.

Os homens olharam com naturalidade quando Jim foi transportado para a enfermaria. Duas enfermeiras desamarraram-lhe os pulsos inchados e depois se postaram uma de cada lado da cama. Em poucos mi-

nutos, um paciente engessado aproximou-se mancando. “Eu fico com êle”, disse.

Logo depois dois outros pacientes se acercaram e começaram a conversar, incluindo-o na conversa, embora Jim parecesse estar ausente de tudo. Durante as 24 horas que se seguiram, os homens descansaram perto da cama de Jim, alimentando-o de colher, ligando o rádio, dizendo piadas e brincando com as enfermeiras. Todo o tempo Jim foi tratado como se estivesse ali, consciente e participante.

Depois de alguns dias, a hiperatividade de Jim—as mordidas e as contorções—cessou. Êle dormia longos sonos encolhido como um feto. O Major Palmer presumiu que talvez fôsse porque êle se estava preparando para “nascer” de nôvo, enquanto as células do lado direito do cérebro, até então inúteis, eram ativadas para assumirem as funções das do lado esquerdo.

Quando êle ficava inquieto na cama, as enfermeiras e os pacientes o passavam para uma cadeira de rodas e o empurravam para o semicírculo dos doentes em tórno da televisão.

—Quer assistir a um jôgo, Jim?  
Nenhuma reação.

—Quer sorvete, Jim?  
Nenhuma reação.

Quando um dia a enfermeira Burke o estava ajudando a sentar-se numa cadeira de rodas, êle girou o braço com fôrça contra a cabeça dela. Parecia um movimento deliberado, talvez para exprimir impaciên-



cia. "Jim", disse ela, "nós estamos tentando compreendê-lo. Ajude-nos." Não houve reação.

"**Eu-Te-Amo**". Mais de um mês se passou, e durante o tempo todo os homens observavam Jim àvidamente, atentos a algum sinal de melhora. E então um dia um veterano disse à enfermeira Burke: "Eu acho que êle olhou para mim. Apenas por um instante."

Gradualmente os olhos de Jim começaram a focalizar-se e a olhar as coisas e as pessoas. E então, quando começou a emergir da coma, a perplexidade substituía a expressão vazia. Nem êle nem os médicos sabiam nessa altura que as pás do helicóptero tinham destruído uma parte das células da memória de seu cérebro. Como uma criança, Jim olhava para um mundo que não podia reconhecer.

Na realidade, êle era mais inermado que uma criança. Não podia falar, rir, nem chorar. A dor na sua perna esquerda era profunda e ardente, mas êle não tinha meios de exprimir isso. À medida que os dias passavam e que parte de sua inteligência voltava, êle começou a se convencer de que a sua incapacidade de comunicação significava que ia morrer. Mergulhou numa profunda depressão.

Mas a Enfermaria 13 não admitiu isso. Incitando, adulando, êles forçaram-no a alguma atividade. Aprendeu a sacudir a cabeça para responder sim ou não às perguntas. Aprendeu a comer com as próprias mãos —pegando a comida canhestramente e jogando-a na direção da bôca.

Êle queria falar. Remexia a bôca, fazia caretas e esforçava-se, lutava, mas as palavras simplesmente não saíam.

E então, numa segunda-feira cedo, aconteceu. A enfermeira Burke entrou na Enfermaria 13 com um alegre "Bom dia, senhores". Quando passou pela cadeira de rodas de Jim, pensou tê-lo ouvido responder: "Bo' di'." Seria verdade ou seria apenas o desejo que a fizera ouvi-lo? Os olhos dêle disseram-lhe que êle *tinha* emitido sons.

Naquele mesmo dia, êle saudou Kathy com três palavras apenas compreensíveis e que evidentemente tinham sido ensaiadas:

—*I . . . love . . . you* (eu te amo)  
—disse êle.

O coração dela pulou dentro do peito. Ela repetiu as palavras para êle. Depois apontou a própria barriga já crescida e disse:

—Bebê.

Êle tentou furiosamente repetir a palavra, mas não pôde. Tentou outras palavras. Não saíram. Então ficou inerte como para dizer: "Para que tentar? É inútil."

Kathy, inclinando-se para êle, sussurrou:

—Você não pode desistir. Nós precisamos de você. Você vai conseguir.

Depois ela pediu licença, foi para o banheiro das senhoras e chorou de desesperança e medo, e de solidariedade com seu marido na sua terrível luta.

**Conseguindo.** Nada foi fácil para Jim durante a sua batalha para "crescer". Para ler, teve primeiro de rea-



prender o alfabeto. Depois, progrediu até aos livros infantis. O seu maior problema era fazer as pernas, as mãos e a voz responderem aos comandos do cérebro. Levou quase um ano para ir de espalhar comida sobre a mesa toda até cortar a carne e levá-la à boca com precisão.

Escrever, mesmo palavras simples como "cat" (gato), era um verdadeiro drama. Esquecia as letras da palavra ou como desenhá-las. Não conseguia escrever em linha reta, fazer as letras do mesmo tamanho ou não deixar de escrever uma em cima das outras. Mas finalmente conseguiu escrever um CAT legível.

Jim levou quase três anos de esforço, suor e determinação para conseguir andar sem amparo. Da cadeira de rodas e ainda com a perna engessada, passou para as muletas. Uma tarde, juntou-se aos outros veteranos doentes que estavam jogando bola contra uma parede. Largou as muletas para ver se podia manter o equilíbrio e moveu-se um pouquinho. Estendeu as mãos para a bola e caiu. Contendo as lágrimas de frustração, foi para o fundo do ginásio e bateu a cabeça contra a parede.

Seu pai compreendia os seus sentimentos. "Jim", disse, "você tem feito coisas que a maioria das pessoas não achava que você conseguisse fazer. Eu sei que você pode aprender a andar. Vamos trabalhar." Na casa do pai, onde Jim agora passava temporadas, o velho Meade construiu uma plataforma de nove metros de comprimento, com um corrimão à

altura dos quadris. Usando o corrimão como apoio, Jim tentava andar. Caía, levantava-se, caía e continuava caindo até que, exausto, não conseguia mais se erguer.

Sem desanimar, êle subia e descia a plataforma de gatinhas, tentando coordenar os movimentos das pernas e dos braços. Executou êstes exercícios durante semanas até que pôde engatinhar tão bem como uma criança normal de um ano de idade. Voltou então a treinar nas barras e finalmente conseguiu dar alguns passos sem cair.

—Tenho de conseguir—dizia consigo mesmo—tenho de conseguir.

O pai, sempre ao seu lado, assegurava:

—Você conseguirá.

Das barras paralelas, passou às bengalas, andando, balançando, cambaleando e caindo. Lentamente, durante meses, aprendeu a andar em linha reta, a manter o equilíbrio, subir nos meios-fios das calçadas. Em fevereiro de 1970, êle entrou andando na Enfermaria 13, com um largo sorriso no rosto e sem bengalas. Trinta meses depois de uma autoridade o ter rotulado de um "vegetal irremediável", Jim Meade estava nitidamente conseguindo recuperar-se.

**De D a B.** Em setembro de 1969, êle tinha dado um outro grande passo, inscrevendo-se no curso de dois anos do Mt. Hood Community College, nos arredores de Portland. Foi difícil. Êle se sentia constrangido por causa do seu andar claudicante, sua voz arrastada de vez em quando.



Não conseguia tomar as notas com a rapidez necessária e os deveres tomavam-lhe três vezes mais tempo do que a um aluno comum.

“Eu me sentia tão estúpido, tão inútil!”, relembra. “Tive de aprender até a somar, a diminuir e multiplicar. Era horrível não ser capaz de memorizar.”

Desanimou. “Recordou-se do que as pessoas tinham feito por êle”, lembra o conselheiro da escola, o psicólogo Patrick Loughary, “e concebeu a ambição de ajudar os outros como êle fôra ajudado, e sua determinação voltou.”

Jim recebeu o diploma do Mt.

Hood em junho de 1970 e agora está na Universidade Estadual de Portland estudando para formar-se em Psicologia. “Quero trabalhar onde eu possa utilizar aquilo que aprendi para ajudar as pessoas”, explica Jim. “Uma pessoa que foi profundamente ferida sente-se muito solitária. É difícil sobreviver a êsses sentimentos. Mas o amor pode ser a diferença. Mesmo dentro na minha coma eu devo ter sentido o amor de minha família e de meus companheiros de enfermaria, assim como devo ter sentido meu amor por êles. Se assim não fôsse, não teria havido razão para continuar. Eu teria morrido.”



### Legendas de Caricaturas

PSIQUIATRA ao paciente que está no sofá: “É verdade que há um homem a segui-lo. Êle está querendo receber a conta que o senhor me deve.”  
—Jack Tippit, em *True*

GARÔTA para a amiga, sentada do outro lado de seu acompanhante, que é astro de futebol: “É bom no chute, na corrida e no passe, mas tem dificuldades com o c-u-r-r-i-c-u-l-u-m.” —Charles Skiles, em *The Rotarian*

MULHER à amiga, ao saírem de um banco: “Coisa engraçada êstes livros de cheques. Quando começo um, não consigo largá-lo enquanto não acabo.”  
—Hagglund, em *The Independent Ranker*

PAI à Mãe, segurando o compêndio aberto da filha: “Edna, você sabe que 1940 já é história?”  
—Harry Mace, em *Successful Farming*

PROFESSOR a outro: “Adoro a universidade no princípio do outono—antes de começarem as demonstrações.” —Weaver, em *The Wall Street Journal*

NO SUPERMERCADO, um homem com um carrinho sobrecarregado a outro: “Fui colhido entre a explosão populacional e a vida farta.”

—Dave Gerard, Chicago Tribune-New York News Syndicate